

# EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO E AS DISCUSSÕES SOBRE MEIO AMBIENTE

## UM ENCONTRO NECESSÁRIO\*

Dnda. SIMONE S. M. GUIMARÃES

Faculdade de Vinhedo e Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

Dnda. IDA CARNEIRO MARTINS

Coordenadora do Curso de Graduação em Educação  
Física da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

LEANDRO LUCENTINI

Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic)/Conselho Nacional de  
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

Ms. MICHELE VIVIENE CARBINATTO

Faculdade de Vinhedo

Livre-Docente WAGNER WEY MOREIRA

Programa de Mestrado em Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

E-mail: wmoreira@unimep.br

Dr<sup>a</sup>. REGINA SIMÕES

Programa de Mestrado em Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

## RESUMO

*O presente artigo, elaborado com base em um trabalho teórico de revisão bibliográfica, destina-se a refletir sobre a relação entre os temas educação física e educação ambiental, no contexto da educação física no ensino médio. Para tanto, foi estruturado da seguinte forma: no primeiro momento, analisamos a importância de o tema educação ambiental fazer parte da educação formal dos alunos, especialmente dos que frequentam o ensino médio; como segundo ponto, fazemos uma análise da educação física nesse nível de escolarização; por fim, apontamos para as possibilidades de o tema educação ambiental, interdisciplinar por natureza, fazer parte dos conhecimentos a serem tratados pela educação física no ensino médio.*

*PALAVRAS-CHAVE: Educação física; educação ambiental; ensino médio.*

---

\* Núcleo de Pesquisa em Corporeidade e Pedagogia do Movimento (Nucorpo) e apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

## INTRODUÇÃO

Os trabalhos acadêmicos que se referem a propostas para o ensino da disciplina educação física no ensino médio são, hoje em dia, em número reduzido. Ao que tudo indica, a área preocupou-se, ao longo do tempo, em explicitar projetos para a educação infantil e para o ensino fundamental.

Também pode ser observado, nos últimos tempos, propostas educacionais com o tema meio ambiente, pois dissertações e teses versam sobre o assunto, alertando não para a criação de uma disciplina específica para tal função educativa, mas priorizando projetos que tratem esse conteúdo de forma transversal. Essa abordagem, por sinal, é prioridade nas novas propostas educacionais, constituindo-se fator preponderante nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

O presente artigo visa apresentar as interfaces entre o componente curricular educação física e a temática meio ambiente, com vistas a contribuir para alterações de posturas pedagógicas a partir de temas transversais.

Transformado esse propósito em um problema, podemos caracterizá-lo como: é possível um trabalho transversal, em meio ambiente, a partir do componente curricular educação física no ensino médio?

Importante lembrar que o referencial teórico do presente artigo é parte de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa em Corporeidade e Pedagogia do Movimento junto a professores de educação física que militam no ensino médio da rede oficial de ensino do estado de São Paulo, projeto esse aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que deverá chegar ao treinamento desses professores para o trato com o assunto bem como produzir material a ser utilizado em aulas.

## A QUESTÃO DO MEIO AMBIENTE E A EDUCAÇÃO

A educação física escolar tem recebido, nos últimos anos, uma grande quantidade de estudos, representados por dissertações e teses, com o objetivo de identificar seus problemas e apresentar propostas de superação, quer seja por novas propostas teóricas, quer seja por novos procedimentos pedagógicos. Enfim, o que se pretende é romper a tradição da educação física acrítica, tecnicista e elitista, calcada em um rendimento padrão retirado da *performance* esportiva, para uma educação em que temas relevantes sejam tratados de modo conjunto, contrária à visão compartimentada hoje presente na educação básica.

Na tentativa dessa superação, propomos, aqui, a inserção da temática ambiental no ensino médio a partir do componente curricular educação física, por

ser esse um tema transdisciplinar, e cujos problemas advindos da omissão em ser o assunto trabalhado, certamente, atingirão a todos. Nesse contexto, perguntamos: como podemos pensar em saúde ou em qualidade de vida sem pensar em um ambiente também saudável? Ou como propor práticas em educação física sem levar em conta a qualidade do ambiente no qual essas são realizadas? Assim, como diz Faria Junior citado por Costa (1997, p. 46), “[...] com a adoção do referencial teórico da promoção da saúde, a ‘questão ambiental’ passou a integrar o rol dos novos objetivos, papéis e compromissos da Educação Física”.

Podemos afirmar que a discussão sobre meio ambiente é hoje necessária e urgente em todas as áreas de conhecimento, pois os problemas ambientais que enfrentamos não estão restritos aos indivíduos de uma área profissional; são problemas transdisciplinares.

Porém, quando falamos sobre meio ambiente, temos de deixar claro a que nos referimos. Assim, podemos dizer que meio ambiente é uma expressão que, embora muito utilizada hoje em dia, ainda não consegue ser definida com clareza. É um conceito que vem sendo construído e não possui o mesmo significado para todos os grupos sociais que trabalham com ele. Isso acontece por ser o termo uma representação social e estar impregnado de preconceitos, ideologias e características específicas sociais e profissionais das pessoas, ou seja, é uma expressão pluridimensional (REIGOTA, 2001).

Ratificando essa reflexão, Aramburu (2001) comenta que o termo meio ambiente é um conceito complexo, derivado de diferentes concepções, de diversas posturas filosóficas, as quais influenciam nas prioridades estabelecidas pela humanidade, como também da educação recebida, da procedência socioprofissional, além das questões geográficas e culturais.

Mesmo considerando a impossibilidade de uma definição tradicional e fechada, é importante esclarecer que idéias estão por trás do termo meio ambiente, isso porque nossos atos, gerados a partir do que entendemos da expressão, podem ter conseqüências na realidade e no futuro do planeta. O que compreendemos por meio ambiente caracteriza nossa relação com ele, o que pode afetar toda vida no planeta, nessa geração e nas gerações futuras.

Mas, de que maneira essa relação pode acontecer de forma significativa, se, como diz Trigueiro (2003, p. 13), “[...] a maior parte dos brasileiros não se percebe como parte do meio ambiente, normalmente entendido como algo de fora, que não nos inclui”?

Nessa idéia, Trigueiro (2003, p. 13) comenta que “é urgente que todos possamos perceber a ordem de grandeza em que se situa hoje a questão ambiental e, talvez surpreendidos, nos darmos conta de como isso nos alcança de forma profunda, visceral”.

Mesmo sem ter uma definição estanque para a expressão meio ambiente, podemos afirmar o que a palavra “não é”. Ou melhor, podemos analisar o sentido dessa palavra nesta proposta a partir de sua negação. Meio ambiente não é biologia, ecologia, nem é sinônimo de fauna, flora, área natural ou natureza intocada. Não é representação apenas de florestas como a Amazônica ou a Mata Atlântica.

Não é também apenas o meio que circunda as espécies (como na maioria das definições), pois o ser humano e todas as outras espécies vivas não estão apenas “dentro” do meio ambiente, como se estivessem no interior de uma caixa, mas estão tecidos juntos a ela, somos partes e parcela do ambiente ou, como dizem Margulis e Sagan (2002, p. 36): “A vida não existe *na* superfície da Terra mas é a superfície da Terra”.

Adotamos, então, a idéia de Leff (2002) quando diz que meio ambiente é a complexidade do mundo, é mais que uma categoria biológica; meio ambiente é uma categoria social. Ou, como diz Vieira (2001), o termo meio ambiente designa não tanto um “objeto” específico (como “natureza” ou “áreas naturais”, por exemplo), mas uma “relação” (a de interdependência). Esse autor utiliza uma boa caracterização sobre o termo proposta por Jollivet e Pavé em 1992, em que meio ambiente é “o conjunto de componentes físico-químicos e biológicos, associados a fatores socioculturais suscetíveis de afetar, direta ou indiretamente, a curto ou longo prazos, os seres vivos e as atividades humanas no âmbito globalizante da ecosfera” (VIEIRA, 2001, p. 49).

Essas relações complexas implicam entender que o ser humano não está só dentro do ambiente, mas, o compõe, como parte constituinte. Ele está entrelaçado à trama do sistema que é o planeta Terra. Fazemos, então, parte da constituição do meio ambiente e devemos ter a consciência de que esse começa dentro de nós e perpassa tudo que nos cerca.

No âmbito da educação formal, as propostas relacionadas aos temas ambientais são tratadas pela educação ambiental. Nesta, existe uma grande diversidade de reflexões, experiências e práticas influenciadas por teorias científicas e pelas mais diversas percepções individuais e coletivas de mundo que impossibilitam, num primeiro momento, a construção de uma definição de educação ambiental única que não seja reducionista.

Nessa lógica, consideramos que a educação ambiental, à qual nos referimos, é uma educação que exprime as seguintes características:

- a) é uma educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania e ética nas relações sociais e com a natureza (REIGOTA, 1994);

- b) é uma crítica aos modelos autoritários, tecnocráticos e populistas que não levam em conta alternativas sociais baseadas em princípios ecológicos, éticos e justos com as gerações atuais e futuras (REIGOTA, 2001);
- c) é uma educação social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação responsável dos atores sociais, individuais e coletivos, no ambiente (LOUREIRO, 2002);
- d) é um elemento estratégico na formação da consciência crítica das relações sociais e de produção que situam a inserção humana na natureza (LOUREIRO, 2000).

Também por suas características político-sociais, é consenso na comunidade internacional que a educação ambiental deve estar presente em todos os espaços que educam os cidadãos (REIGOTA, 1994). Assim, um dos locais propensos a uma melhor presença da educação ambiental é no interior da escola, fazendo parte do ensino formal.

No Brasil, foi instituída a Política Nacional de Educação Ambiental (Pnea) pela lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999. Nesse material, no artigo 1º, o entendimento de educação ambiental é apresentado como: “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”.

É pertinente considerar a seção II do Pnea, pois discorre sobre a educação ambiental no ensino formal. Dessa proposta política, destacamos dois pontos relevantes para a construção deste trabalho transdisciplinar.

O primeiro ponto a ser discutido é o artigo 10º. Este apresenta que a educação ambiental, na educação escolar, deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal, e ainda que a educação ambiental não deve ser implantada como disciplina no currículo de ensino.

Esse artigo do Pnea é importante porque marca a educação ambiental como uma *práxis* educativa processual, aplicada da pré-escola à universidade (passando, então, pelo ensino médio, foco de atenção deste trabalho). Além disso, esse artigo reforça o caráter interdisciplinar da área, pois não apresenta dúvidas de que a educação ambiental não deve ser uma disciplina, e sim um tema transversal a ser tratado por diversos olhares.

Isso se justifica porque a educação ambiental é, marcadamente, uma área que requer uma discussão que envolva a contribuição das várias formas de conhe-

cimento e exige o suporte de várias áreas curriculares para a discussão sobre a resolução desses problemas, inclusive a educação física escolar.

O segundo ponto apóia-se no artigo 11º do Pnea, o qual relata que a dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas. Assim, podemos perceber que a educação, especialmente a universitária, deve assumir a sua responsabilidade, pois, para que a educação ambiental seja incorporada à educação, começando pela infantil, é preciso que professores sejam, primeiramente, formados em outras bases, com uma percepção que ultrapasse a memorização de conteúdos ecológicos e supere a simples aplicação de técnicas ecológicas.

Não é lógico exigir que um professor trabalhe idéias, conceitos, valores, habilidades e atitudes que colaborem com a formação de uma sociedade ambientalmente responsável, se ele não foi assim formado nem recebeu uma formação continuada. Como diz Molero (1999, p. 87), "Como é que se pretende integrar a educação ambiental na escola sem preparar antes os professores e sem conscientizar nem pais nem políticos?".

Além disso, o artigo 11º, no parágrafo único sobre educação ambiental, diz que os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender, adequadamente, ao cumprimento dos princípios e objetivos da Pnea.

Mesmo se considerarmos que a educação ambiental sozinha não dê cabo dos problemas ambientais, ela é, em médio prazo, a estratégia principal na construção e implementação dos princípios ambientalmente adequados, bem como na direção da formação de jovens cidadãos conscientes do planeta em que vivem. Isso porque "a morte da natureza é a morte do homem: das transcendências, das utopias, da poesia, da esperança, da metafísica. É a morte das formas de manifestação da vida" (BENTO, 1997, p. 100).

Temos, então, a difícil tarefa de fugir da simplificação, não reduzindo o ser humano aos seus aspectos apenas naturais e não desligando também este do seu ambiente. Assim, para entender o meio ambiente e sua relação com a educação física, é preciso superar a tradição cartesiana e buscar caminhos que privilegiem a complexidade, "pois o corpo do homem não é um simples corpo, mas corpo humano, que só pode ser compreendido a partir de sua integração na estrutura global" (REZENDE, 1990, p. 48).

As preocupações relatadas anteriormente com o problema do meio ambiente podem ser objeto de estudo na disciplina educação física no ensino médio? Se a resposta for positiva, de que forma isso pode ser trabalhado? Essas duas indagações são foco de nossas reflexões a partir de agora.

## A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

O atual momento do ensino médio é preocupante, requerendo grande atenção e cuidado, proveniente de alguns descuidos dos programas educativos no decorrer das últimas décadas.

A precariedade desse nível de ensino é enorme, resultando em falta de vagas para atender à alta demanda dos jovens, ausência de estrutura física, de recursos financeiros, de profissionais capacitados e de uma proposta pedagógica adequada para essa fase de escolarização.

Autores como Mitrulis (2002) já admitem um início de transformação desse quadro. No entanto, essas alterações ainda parecem ser muito tímidas, ante os enormes problemas enfrentados pelo ensino médio. Este possui questões complexas e variadas, que não foram resolvidas e que dizem respeito a mudanças em âmbitos políticos, sociais e econômicos, para a expansão e melhoria dessa fase de escolarização (KRAWCZYK, 2003).

Esse quadro agrava-se pelo aumento da demanda de jovens que caminham na direção desse período de vida escolar, empenhados na busca de melhores condições de vida pela expectativa de um emprego qualificado em virtude das exigências do mercado de trabalho, cada vez mais competitivo e individualista. Estudar mais deveria propiciar o atendimento às suas necessidades, mas “o prolongamento da escolaridade torna-se impositivo, onde tanto o mercado de trabalho como os desafios da vida em sociedade exigem uma maior e mais sofisticada escolaridade, faz-se necessário repensar o Ensino Médio” (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003, p. 152).

O ensino médio teria por missão, além de oferecer uma formação educacional de qualidade advinda do domínio de conteúdos, desenvolver uma postura crítica e autônoma diante dos embates da vida, postura essa necessária para o exercício da cidadania, como afirma um dos objetivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB): “O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (idem, p. 153).

Um ser pensante e crítico pode questionar, opinar, discutir e debater sobre as situações adversas que ocorrem na sociedade e na vida. Um indivíduo capacitado intelectualmente tem condições de superar a alienação. O ensino médio, como parte da educação básica do cidadão, não se poderia eximir dessas responsabilidades.

O ensino médio destina-se, historicamente, a duas vertentes: preparar o jovem para a universidade ou ajustá-lo ao mercado de trabalho. Hoje, a escola, nessa fase, não cumpre nenhuma dessas metas, sem contar a principal função, que seria o desenvolvimento de um discente crítico.

A crescente procura pelos cursinhos pré-vestibulares demonstra que os conteúdos do ensino médio ou estão defasados ou são mal aplicados.

A prioridade dada a esse tipo de preparação acaba fazendo com que o conteúdo trabalhado seja somente aquele que é exigido para o sucesso dos alunos no processo seletivo de ingresso na educação superior, o que também pode reduzir o caráter mais humanístico e crítico dos conhecimentos ministrados, já que esses têm que se adequar ao formato e ao programa dos testes de vestibulares (idem, p. 171).

A competitividade do mercado, a valorização do diploma superior, aliadas a fatores como a privatização do ensino no país, conseqüência do descaso do Estado com a educação brasileira, propiciaram a idéia de que escola de ensino médio boa é aquela que prepara e aprova um maior número de alunos para os vestibulares universitários. Um ensino com esses objetivos tem seus conteúdos aplicados de maneira pragmática e, na maioria das vezes, alienante, desqualificando o jovem em sua conquista de cidadania.

Por essa razão, nem uma nem outra vertente são significativas para o aluno, pois:

Nem o ensino médio propedêutico aos estudos superiores, em regra de currículo enciclopédico, recheado de conhecimentos poucos significativos, caracterizados por uma rala aderência à experiência dos alunos e aos desafios sociais, nem o ensino médio profissionalizante, estritamente voltado para o exercício de ocupações específicas no mercado de trabalho, respondem às expectativas atuais (MITRULIS, 2002, p. 219).

Se o problema do ensino médio já é imenso, no período noturno é maior ainda. Para Krawczyk (2003), a questão social e pedagógica do período noturno é alarmante e merece total atenção e dedicação nas suas reformulações.

Segundo Abramovay e Castro (2003, p. 192), “percebe-se que os alunos do período noturno identificam com maior freqüência o fato de conseguir um trabalho como uma das duas principais utilidades do ensino médio”.

Quase que a totalidade dos alunos que freqüentam o ensino médio no período noturno já participa do mercado de trabalho, buscando na escola a oportunidade de um aprofundamento de conhecimentos na área profissionalizante escolhida. Infelizmente, essas expectativas não são sempre alcançadas, gerando ainda mais insegurança e descrença nessa fase de escolarização. No caso da educação física, o problema agrava-se, porque ela é praticamente inexistente na maioria das escolas por ser facultativa, segundo os documentos legais (DARIDO, 2001).

O desenvolvimento de projetos no e para o ensino médio pode ser uma alternativa interessante para solucionar parte dos problemas identificados nesse

período da escola. Cada instituição deve identificar seus problemas mais relevantes e tentar apontar algumas respostas, tendo uma contínua avaliação desse processo para constantes reformulações e dando ampla autonomia aos jovens, para sua participação na proposta pedagógica (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003).

Como complemento dessa ação, os PCNs, com seus temas transversais, entre eles o meio ambiente, oferecem assuntos de relevância social e nacional, podendo auxiliar as escolas no oferecimento de uma educação de qualidade para os jovens. Trabalhando com os temas transversais, trazendo a realidade social para dentro da escola e relacionando-a com disciplinas curriculares específicas, o professor poderá auxiliar o aluno na compreensão dos conflitos existentes no dia-a-dia.

Esses temas não são fixos, podendo a escola buscar as questões mais importantes para a sua realidade e a de seus alunos, discutindo os melhores caminhos para o entendimento da relação escola-professor-aluno-sociedade.

Adentrando, especificamente, no PCN da educação física do ensino médio, identificamos uma proposta calcada no sentido da inclusão, o que pode ser considerado um avanço em relação à história da educação física escolar, sempre pautada em exclusão pelos critérios eficiência técnica e tática. Uma abordagem que respeite os limites e a individualidade do aluno, que trabalhe o coletivo, enfocando o aprendizado e o desenvolvimento do aluno, mesmo com aspectos a serem melhorados, já é uma novidade interessante. Essa conduta já pode auxiliar na superação do problema identificado por Pereira e Silva (2004, p. 72):

Então se os conteúdos de ambos os níveis de ensino são similares, ou iguais, algo está errado. Ou o grau de exigência é muito elevado para o Ensino Fundamental [EF] ou muito baixo para o [Ensino Médio] EM. Tem-se a convicção de que a ocorrência da última alternativa é correta: são deficientes qualitativamente os níveis de exigência da EF para o EM.

Essa é uma constatação presente na história das aulas de educação física no ensino médio. As propostas centram-se ou na repetição dos conteúdos vistos no ensino fundamental ou são práticas esportivas visando mais ao treinamento esportivo. Tais práticas acarretam, de um lado, a desmotivação para as aulas e, por outro, a exclusão, em que só os mais aptos participam.

Aplicando de forma adequada os conteúdos da educação física, em atividades variadas, pautadas em propostas transversais, os professores podem atender às expectativas dos alunos, oferecendo um conhecimento que irá além do desenvolvimento de habilidades motoras.

Ao não relacionar seus conteúdos com temas de relevância social, os professores de educação física podem contribuir para o distanciamento do aluno em relação à sua disciplina. Problematicar, fundamentar e inter-relacionar as mais variadas

dimensões propiciarão aos alunos um conhecimento significativo, abandonando o simples fazer por fazer. Cremos ser esse um dos principais papéis do professor de educação física como educador.

O professor deve estar preparado para trabalhar de forma interdisciplinar, deve assumir uma postura acessível a novos conhecimentos e a novas abordagens. Esse trabalho não só favorece os alunos, mas também o próprio profissional, dando a ele a oportunidade de ampliar e relacionar os conteúdos de sua disciplina com novos conhecimentos.

Para isso, é necessário que se façam sempre pontes entre teoria e prática, que se estimule uma visão orgânica do conhecimento, que destaque a interação entre as diferentes disciplinas e, principalmente, entre estas disciplinas e a vida cotidiana, incluindo o processo de trabalho (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003, p. 222).

Conhecer o universo da cultura do movimento, das vivências corporais que são criadas culturalmente e contextualizadas às necessidades cotidianas, parece ser missão da educação física na escola do ensino médio. Ela é detentora de condições suficientes para atingir um amplo campo de ação, podendo integrar e relacionar seus conteúdos específicos com variados temas de relevância social, permitindo um trabalho em seu campo de atuação e pesquisa, tanto interdisciplinar, como transdisciplinar e transversal, articulando-os com várias dimensões, tais como social, política, econômica, filosófica, histórica, cultural e ambiental.

Portanto, são muitas as justificativas para comprovar e aprovar a importância da educação física, disciplina escolar do ensino médio, como merecedora de reestruturações significativas, nessa fase de ensino, em seu processo educacional pedagógico, para melhor atender a seus alunos em sua vivência cidadã.

## EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para aplicar e relacionar o tema meio ambiente na forma transversal na escola, é necessário um preparo, uma formação que permita ao professor ter segurança e um mínimo de domínio sobre o tema.

A abordagem interdisciplinar objetiva superar a fragmentação do conhecimento. Portanto, esse é um importante enfoque a ser perseguido pelos educadores ambientais, já que permite, pela compreensão mais globalizada do ambiente, trabalhar a interação em equilíbrio dos seres humanos com a natureza (GUIMARÃES, 2001, p. 59).

A educação física permite um amplo campo de atuação nessa área, levando-se em conta, por exemplo, os esportes de aventura praticados na natureza.

Se a opção for essa, é necessário que o professor não só domine os conteúdos de sua disciplina, mas tenha também conhecimentos referentes ao tema, sabendo relacioná-los. Como uma primeira abordagem facilitadora da entrada do profissional nesse universo, a partir de conhecimentos que já possui, podemos lembrar Marinho (2004), quando afirma que a educação física, por meio das atividades na natureza, pode potencializar o desenvolvimento das capacidades físicas e das habilidades motoras dos alunos.

Em virtude do crescimento das práticas de atividades físicas em contato com a natureza e da constante criação de novas modalidades esportivas nessa área, fica evidente ser esse um campo com enormes possibilidades de ação e atuação para o desenvolvimento de uma consciência crítica a respeito do meio ambiente.

Pelo exercício dessas atividades, abre-se um caminho para o desenvolvimento da conscientização ambiental. As experiências vividas por meio de tais práticas podem ser uma oportunidade para o surgimento de novas atitudes e sentimentos, podendo unir as vivências corporais e o respeito pelo meio ambiente (BAHIA, 2005).

Em contrapartida, não se deve deixar que essa “dedicação” fique apenas no consumismo, no tirar proveito da natureza. É necessário, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de projetos que proporcionem o lazer ou a competição, mas não se esquecendo da preservação, do cuidado e da manutenção da natureza. Tais projetos devem ter um caráter educacional, colaborando para a mudança de atitude a respeito do tema meio ambiente, incorporando princípios de sustentabilidade e de preservação da vida.

No caminho das novas propostas, surgem aquelas que privilegiam a ação consciente de respeito aos indivíduos e à natureza, em que o prazer de se movimentar pode estar relacionado com o prazer de conhecer e vivenciar a natureza.

Segundo Grezzana (2001), a educação física é uma área que aborda conhecimentos com relação ao meio ambiente, pelas atividades físicas e pelas práticas de esportes da natureza, buscando entendimento e harmonia com esta.

A educação física parte do aprendizado pela vivência, o fazer consciente. O processo de ensino-aprendizagem ocorre pela *práxis*. Pela prática efetiva é que os conhecimentos ancoram e incorporam em nosso ser.

Colaborando com essas afirmações, Guimarães (2001, p. 48) diz: “Na concretização desse processo se dá a *práxis* em Educação Ambiental em que educando/educador exercitam a reflexão/ação na construção desses valores e atitudes que integrem ser humano/natureza”.

O processo educacional da educação ambiental ocorre por meio da relação teoria/prática, em que os conhecimentos adquiridos devem ter ação direta na vida social.

Se a educação física pode encampar as preocupações com o meio ambiente, nada mais coerente que uni-las em um trabalho pedagógico, transversal e interdisciplinar nas escolas, em que “as experiências na natureza podem, efetivamente, contribuir para o despertar de uma sensibilidade e de uma responsabilidade ambiental coletiva, contribuindo, até mesmo, para impulsionar o estabelecimento de políticas em níveis local e global” (MARINHO, 2004, p. 66).

Os esportes da natureza, por exemplo, são excelentes possibilidades de fundir os conteúdos da educação física e a temática ambiental, buscando a vivência concreta de práticas essenciais à vida do ser humano.

Nessa relação associativa, por um lado, tem-se a oportunidade de oferecer atividades que permitem um contato com a natureza, em que os mesmos conteúdos aplicados em quadras, campos e piscinas podem ser aplicados de uma nova forma, proporcionando novos desafios aos seus praticantes. Por outro lado, a tomada de consciência da dependência da natureza para a realização dessas atividades, sem dúvida, irá gerar a compreensão da importância da preservação do meio ambiente.

A educação ambiental, como perspectiva educativa, pode estar presente em todas as disciplinas, quando analisa temas que permitem enfocar as relações entre a humanidade e o meio natural, e as relações sociais, sem deixar de lado as suas especificidades (REIGOTA, 2001, p. 25).

Ao professor de educação física fica a responsabilidade, como educador, de intervir e incentivar essa compreensão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino médio na escola deve ser repensado e seu processo de ensino-aprendizagem deve ser reorganizado, no sentido de oferecer aos jovens as capacidades de refletir, pensar, opinar e formular conceitos mediante o cotidiano de suas vidas.

[...] é preciso formar pessoas mais aptas a assimilar mudanças, mais autônomas em suas escolhas, mais solidárias, mais abertas a diferenças. [...] facilitando a travessia da situação alarmante atual do ensino médio em direção a um ensino à altura dos desafios do século XXI (ABRAMOWAY; CASTRO, 2003, p. 220).

A educação ambiental oferece um programa cuja finalidade é a tomada de consciência por parte do cidadão, formulação de novos valores e conceitos, promovendo uma nova visão e exercício da cidadania. Essa educação pode ser incorporada, por meio da perspectiva transversal, pela disciplina educação física na escola.

A educação ambiental envolve várias áreas de atuação e de conhecimento, abrange dimensões políticas, sociais, econômicas, entre outras. Sua proposta está no sentido de unir o individual ao coletivo, o professor ao aluno, a escola à comunidade, a sociedade ao governo, todos juntos, engajados em prol do meio ambiente e também da humanidade.

Reigota (2001, p. 58) comenta que “A educação ambiental é uma das mais importantes exigências educacionais contemporâneas não só no Brasil, mas também no mundo. Deve ser ainda considerada como uma grande contribuição filosófica e metodológica à educação geral”.

A educação física no ensino médio está à procura de reformular seus propósitos enquanto uma disciplina curricular, adequando-se aos princípios que balizam uma educação crítica e comprometida com o mundo e a vida de seus alunos. Apropriar-se da temática ambiental em suas propostas pedagógicas pode ser um caminho adequado para atingir os seus novos propósitos.

O professor de educação física tem ao seu dispor uma possibilidade a mais para sua ação educativa, desvincilhando-se das impropriedades históricas da condução dessa disciplina curricular. Associar seus conteúdos aos conhecimentos exigidos na educação ambiental é dar um salto de qualidade, é produzir um fazer pedagógico mais consistente, é fazer a hora e não esperar acontecer.

Como mencionam Franco e Novaes (2001, p. 181): “Cabe, assim, articular escola e vida cotidiana, promovendo a formação de um cidadão consciente, historicamente situado, engajado nos problemas de seu tempo, dinâmico e participativo”.

À educação física e aos seus profissionais, essa possibilidade de missão, sendo o trabalho com a educação ambiental uma das possibilidades ao seu dispor.

### The role of physical education in the discussion of environmental issues in high school

*ABSTRACT: This article tries to think about the relation among physical education and environmental education in the context of physical education in high school, and was theoretically elaborated through a bibliographical revision. The work was structured as follows: in the first moment we analysed the importance of environmental education in the formal education of students, especially for those in high school; the second point was to analyse physical education in this school level; and finally we indicated the possibility that the matter environmental education, an interdisciplinary topic, could be part of the knowledge discussed in physical education during high school.*

*KEY WORDS: Physical education; environmental education; high school.*

(continua)

## Educación Física en la Enseñanza Media y las discusiones sobre Medio Ambiente: uno encuentro necesario

*RESUMEN: Este artículo, elaborado por medio de un trabajo teórico de revisión bibliográfica, se destina a pensar sobre la relación entre los temas educación física y educación ecológica, en el contexto de la educación física en la enseñanza media. Ese trabajo ha sido estructurado de la siguiente forma: en un primer momento, hemos visto la importancia de que el tema educación ecológica sea parte de la educación formal de los alumnos, en especial de los que frecuentan la enseñanza media; como segundo punto hicimos un análisis de la educación física en este nivel de estudios; y al fin, indicamos la posibilidad de que el tema educación ecológica, interdisciplinar por su naturaleza, sea parte de los conocimientos impartidos en la educación física, en la enseñanza media.*

*PALABRAS CLAVES: Educación física; educación ambiental; enseñanza media.*

### REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. *Ensino médio: múltiplas vozes*. Brasília: Unesco/Ministério da Educação, 2003.

ARAMBURU, F. *Medio ambiente y educación*. Salamanca: Sintesis, 2001.

BAHIA, M. C. *Lazer-meio ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura*. 2005. 156p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, 2005.

BENTO, J. O. *Desporto cidade natureza: introdução ao tema*. In: COSTA, L. P. da. *Meio ambiente e desporto: uma perspectiva internacional*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, 1997.

BRASIL. Política Nacional de Educação Ambiental. *Diário Oficial da União*, Lei n. 9.795, 27 abr. 1999.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais, meio ambiente e saúde*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COSTA, L. P. da. *Meio ambiente e desporto: uma perspectiva internacional*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, 1997.

DARIDO, S. C. *Educação física na escola e a formação do cidadão*. Tese (Livre Docência em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2001. 359 p.

FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. *Os jovens do ensino médio e suas representações sociais*. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 112, p. 167-183, mar. 2001.

GREZZANA, J. F. Educação, meio ambiente e esportes na natureza. *Consciência*, Palmas, v. 15, n. 1, p. 9-16, jan./jun. 2001.

GUIMARÃES, M. *A dimensão ambiental na educação*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2001.

KRAWCZYK, N. A escola média: um espaço sem consenso. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 120, p. 169-202, nov. 2003.

LEFF, E. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania planetária. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de (Orgs.). *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Teoria social e questão ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R.S. de (Orgs.). *Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

MARGULIS, L.; SAGAN, V. R. D. *O que é vida?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MARINHO, A. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 16, n. 22, p. 47-69, jun. 2004.

MITRULIS, E. Ensaio de inovação no ensino médio. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 116, p. 217-244, jun. 2002.

MOLERO, F. M. *Educación ambiental*. Madri: Síntesis, 1999.

PEREIRA, F. M.; SILVA, A. C. Sobre os conteúdos da educação física no ensino médio em diferentes redes educacionais do Rio Grande do Sul. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 15, n. 2, p. 67-77, jul./dez. 2004.

REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REZENDE, A. M. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

TRIGUEIRO, A. *Meio ambiente no século 21*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VIEIRA, P. F. Meio ambiente, desenvolvimento e planejamento. In: VIOLA, E. J. et al. *Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania*. São Paulo: Cortez, 2001.

Recebido: 30 set. 2006  
Aprovado: 22 dez. 2006

Endereço para correspondência  
Regina Simões  
Faculdade de Educação Física – *Campus* Taquaral  
Rodovia do Açúcar, km 156 – Bloco 07  
Piracicaba-SP  
CEP 13400-911